

O PAPA EM ÁFRICA

A visita de Bento XVI a África evidenciou quanta incompreensão existe sobre a missão ética e espiritual do Papa e sobre a proposta cristã para o ser humano. Não há dúvida de que o Papa não foi a África para falar do preservativo. O assunto foi resposta a jornalistas. Quem pretendeu reduzir o alcance da visita e colar a Igreja a visões “lamentáveis, inaceitáveis, irresponsáveis, criminosas”, não vive, como a Igreja, dia a dia, dentro da realidade africana, próxima das aflições dos povos, lançada na promoção dos direitos humanos, artesã da justiça e da paz.

Foi interpelante a análise papal das situações: de conflitos a exigir artífices de reconciliação; de nepotismo, corrupção e impunidade a pedir “governos transparentes, magistratura independente, comunicação social livre, administração pública honesta”; de falta de partilha equitativa das riquezas. Foi oportuna a denúncia de avidez, da violência e da desordem, da discriminação da mulher, do etnocentrismo e tribalismo. Ficou um apelo veemente ao combate da injustiça, da pobreza e da fome. Foi reforçado o apoio aos missionários que fazem crescer esperança e alegria.

Foi incómodo. Os discursos do Papa não andaram pelo politicamente correcto. A mensagem de um sucessor de Pedro deseja confirmar na fé, na coragem, não nos costumes, mesmo os tolerados pela opinião pública.. O Papa não fez discursos a partir de gabinetes de sondagens, destinados a agradar. O que o move é o mais verdadeiro e libertador, o mais elevado e permanente. Evidentemente que quem não tiver domínio da sexualidade e não quiser ensaiar um caminho humanizador nas suas relações interpessoais é eticamente obrigado a não infectar os outros e a recorrer a uma defesa. O Santo Padre não propõe um caminho exigente por desconhecimento da realidade, por não perceber a debilidade humana. É por conhecer a fragilidade que aponta um caminho radical.

(D. Carlos Azevedo, bispo auxiliar de Lisboa)



LINKS ÚTEIS

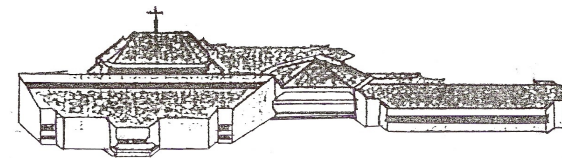
<http://www.paroquiademirasintra.org>
<http://www.agencia.ecclesia.pt/>

FICHA TÉCNICA

Igreja Paroquial de S. Francisco de Assis – Mira Sintra, Largo da Igreja 2735 - Telefone: 219143889
email: paroquia@paroquiademirasintra.org
Coordenação: Secretariado

Paróquia de S. Francisco de Assis MIRA-SINTRA

Domingo de Ramos- Ano B
5 de Abril de 2009
Ano 18 – N.º 14



“Na verdade este homem era Filho de Deus”



Assim exclamou o centurião, que estava em frente de Jesus, ao vê-lo expirar. Foi um longo e doloroso caminho este que Jesus aceitou percorrer colocando-se no nosso lugar e assumindo todo o caudal de sofrimento que a Humanidade experimenta.

Bem poderíamos reconhecer que, na realidade, viver é desprender-se. Sabemo-lo bem. Cada nova conquista representa também renunciar a qualquer coisa. Cada nascimento acarreta para a mãe uma parte de sacrifício da sua vida, da sua própria pessoa. Em cada escolha, deixa-se de lado todas as outras possibilidades. Cada dia a mais na existência de uma pessoa é um dia mais para a morte. Viver é desprender-se.

E o contrário? Será igualmente verdade que desprender-se é viver? De variadas formas em cada dia que passa dizemos adeus a alguém ou a alguma coisa. O que provoca sofrimento, do qual fugimos. E compreende-se, porque na realidade fomos criados para a felicidade e a alegria. Como encarar então o sofrimento do adeus? Onde encontrar ajuda? Será que Deus tem algo a ver com tudo isto?

Toda a problemática da renúncia, necessária á vitória, está já presente no Antigo Testamento. Israel para deixar a escravidão do Egipto e entrar na terra prometida, tem de atravessar penosamente o deserto deixando para trás uma relativa tranquilidade. Renunciar é ganhar.

Mas com Jesus Cristo isto torna-se mais verdade. Toda a sua vida se inscreve num movimento de renúncia, como quem abandona e recebe em troca. S. Paulo afirma-o com outras palavras: *“Ele que era de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus; mas despojou-se a Si mesmo, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens. Tido pelo aspecto como homem, humilhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz”* (Fil 2, 6-9)

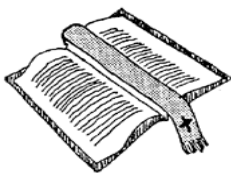
Ao longo de todo o Evangelho encontramos o mesmo movimento pascal – pelo sofrimento para a glória. *“Em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto”* (Jo 12,24) E se procurarmos o fundamento desta decisão, encontra-la-emos na palavra “obediência” sempre constante na vida de Jesus: *“eis que venho para fazer, ó Deus, a vossa vontade”*

Pe. Ângelo de Almeida

Livro de Isaías 50, 4 - 7

«O Senhor DEUS ensinou-me o que devo dizer, para saber dar palavras de alento aos desanimados. Cada manhã desperta os meus ouvidos, para que eu aprenda como os discípulos. O Senhor DEUS abriu-me os ouvidos, e eu não resisti, nem recusei.

Aos que me batiam apresentei as espáduas, e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me ultrajavam e cuspiam. Mas o Senhor DEUS veio em meu auxílio; por isso não sentia os ultrajes. Endureci o meu rosto como uma pedra, pois sabia que não ficaria envergonhado.



Salmo Responsorial 21 (22)

MEU DEUS, MEU DEUS, PORQUE ME ABANDONASTE?



Carta aos Filipenses 2, 6 - 11

Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tomando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Por isso mesmo é que Deus o elevou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; e toda a língua proclame: "Jesus Cristo é o Senhor!", para glória de Deus Pai.

Evangelho segundo S. Marcos 15, 1-34

(...) E tendo amarrado Jesus, levaram-no e entregaram-no a Pilatos.

Perguntou-lhe Pilatos: «És Tu o rei dos Judeus?» Jesus respondeu-lhe: «Tu o dizes.»

Pilatos insistiu: «Que fez Ele de mal?» Mas eles gritaram ainda mais: «Crucifica-o!»

Pilatos, desejando agradar à multidão, soltou-lhes Barrabás; e, depois de mandar flagelar Jesus, entregou-o para ser crucificado.

Revestiram-no de um manto de púrpura e puseram-lhe uma coroa de espinhos, que tinham entretecido. Depois, começaram a saudá-lo: «Salve! Ó rei dos judeus!» Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e revestiram-no das suas vestes. Levaram-no, então, para o crucificar.

Depois, crucificaram-no e repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, para ver o que cabia a cada um. Eram umas nove horas da manhã, quando o crucificaram. Na inscrição com a condenação, lia-se: «O rei dos judeus.»

Com Ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e o outro à sua esquerda.

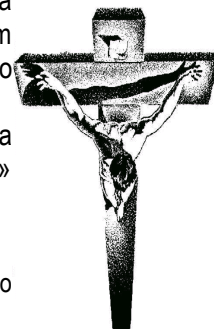
Deste modo, cumpriu-se a passagem da Escritura que diz: Foi contado entre os malfeitores.

E às três da tarde, Jesus exclamou em alta voz: «Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

Ao ouvi-lo, alguns que estavam ali disseram: «Está a chamar por Elias!»

Um deles correu a embeber uma esponja em vinagre, pô-la numa cana e deu-lhe de beber, dizendo: «Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali.» Mas Jesus, com um grito forte, expirou. E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo.

O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!»



DEZ REGRAS DE OURO

Para quem desejar ajudar a ultrapassar um desgosto ou a suportar o sofrimento de um adeus, os conselhos que se seguem podem ser úteis:

- Não se apresse.
- Quebre o silêncio. Deixar sempre aquele que sofre contar o seu sofrimento, mantendo-se em silêncio, nunca interrompendo.
- Deixe exprimir a fundo os sentimentos de culpa. Não os abrandar, minimizar ou relativizar imediatamente. Porque confessar liberta.
- Não responda logo aos porquês. Oiça primeiro até ao fim e ajude as pessoas a viver com os seus porquês.
- Ajude as pessoas a tomar uma atitude concreta relativamente à sua infelicidade. Arrancá-los à inação, à paralisia.
- Ouse ir visitar as pessoas que choram a perda de um ente querido. Nunca pensar. "Talvez lhe faça impressão". Vá à mesma ainda que pense: "A esta hora certamente já terão ultrapassado o duro golpe".
- Nunca pergunte a si próprio: "Que poderei dizer-lhes?". Não é preciso dizer nada, apenas escutar.
- No ano seguinte, escreva um bilhete, uma palavra amável ou uma recordação que guarda do defunto.
- Não se contente em falar do defunto deixando em silêncio a dor dos sobreviventes.
- Evite considerações religiosas se nunca as faz ou se, pessoalmente, não crê senão em metade. Mas, se acredita, não hesite em dizer tranquilamente onde colhe força e consolação.

Irmãos e irmãs, eis-nos de novo nos dias que precedem a Páscoa. Voltai o vosso olhar para Jesus. Em tudo isto Ele precedeu-nos. A sua vida foi renúncia, a sua renúncia Vida.



COMUNIDADE EM MOVIMENTO

Domingo de Ramos- Dia 5, pelas 11h15, Bênção e Procissão junto ao Centro Social Paroquial.

Celebração da Semana Santa (Tríduo Pascal)- Consultar Programa

Celebração Penitencial (com confissões)- Dia 6 de Abril, 2.ª feira, pelas 21h30.